

ARSÈNE ISABELLE

José Newton Cardoso Marchiori

O advento do Romantismo e o notável progresso das ciências naturais no final do século XVIII e início do século XIX, despertaram na Europa um grande interesse pelos países distantes. Este “redescobrimento do mundo”, motivou escritores e naturalistas a percorrer regiões pouco conhecidas, e a registrá-las em crônicas e relatos de viagens, destinados a um público ávido de informações. Algumas obras deste período têm valor indiscutível, como a do francês Arsène Isabelle, homem de vasta cultura. Sem ter sido propriamente um naturalista e forçado a emigrar de seu país por razões políticas, deixou sobre a Argentina, Uruguai e Brasil registros inestimáveis de cunho geográfico, antropológico e mesmo botânico. A respeito do Rio Grande do Sul, legou-nos, junto com sua apreensão peculiar do espaço natural, uma análise social e política muito franca e perspicaz da comunidade com a qual se deparou.

Arsène Isabelle não foi propriamente um naturalista. Sua principal obra – *Voyage a Buénos-Ayres et a Porto-Alegre, par la Banda Oriental, les Missions d'Uruguay et le Province de Rio-Grande-do-Sul* – é, acima de tudo, um relato de impressões sobre as regiões percorridas, incluindo aspectos geográficos, culturais, econômicos e sociais.

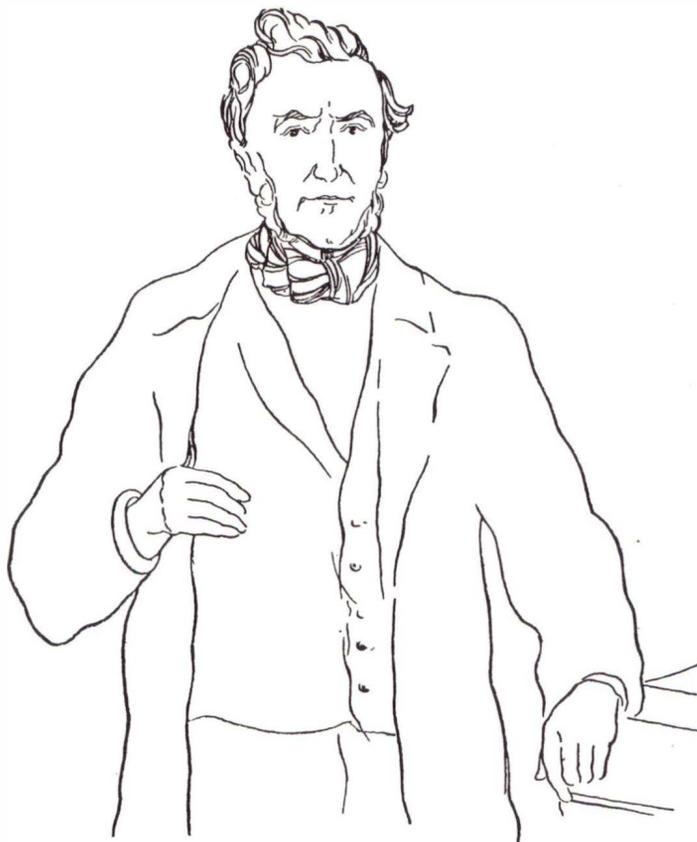
Isabelle é um escritor polêmico. Seus conceitos, nem sempre isentos de parcialidade, são em alguns momentos desfavoráveis aos sul-rio-grandenses. A obra, editada em sua cidade natal (Le Havre – França) no ano de 1835, permaneceu por mais de um século praticamente desconhecida em nosso meio, constituindo uma raridade bibliográfica. A edição em língua espanhola data apenas de 1943¹, inexistindo em português, até o momento, uma tradução integral do texto.

Em 1945 apareceu na revista “Província de São Pedro” a tradução de um trecho da viagem de Isabelle no território gaúcho, realizada por Theodomiro Tostes.² A conhecida *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*³, publicada posteriormente, atém-se aos capítulos relativos a este estado brasileiro.

¹ ISABELLE, A. *Viage a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*. Buenos Aires: Editorial Americana, 1943. 451 p. (Trad. de Pablo Palant).

² ISABELLE, A. Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul – O Jacuí, Cachoeira, o Botucaraí, Cruz Alta, Rio Pardo, o Jacuí até Porto Alegre. *Província de São Pedro*, n. 3, p. 48-56, 1945. (Trad. de Theodomiro Tostes).

³ ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1983. 165 p. (Trad. de Dante de Laytano).



Arsène Isabelle.

Arsène Isabelle é uma personalidade polifacética, misto de comerciante, industrial, contabilista, funcionário público, professor e jornalista. Seu diletantismo para com as ciências naturais e sociais, denota um espírito arguto e se manifesta ao longo de toda a sua obra. O próprio autor confessa no capítulo introdutório uma “atração irresistível” pelas viagens, desenvolvida pela leitura de obras como *As Viagens de Gulliver*, do romancista inglês Jonathan Swift.

Forçado a emigrar de sua França natal por motivos políticos, durante o “terror branco”⁴ implantado no governo de Carlos X, este “republicano de boa fé”⁵ percorreu inicialmente a Suíça, Bélgica, Áustria, Alemanha e Itália. Em dezembro de 1829 partiu finalmente para o rio da Prata, dando início a uma estadia cheia de peripécias, que se estendeu até 1837.

⁴ MORALES, E. El Viaje de Arsenio Isabelle. In: ISABELLE, A. *Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*. Buenos Aires: Editorial Americana, 1943. p. 8.

⁵ MORALES, E. Op. cit., p. 8.

Isabelle tinha apenas 34 anos ao vir para a América. Como homem culto de sua época, conhecia os clássicos e enciclopedistas, os escritores românticos, a obra dos utopistas sociais e dos naturalistas contemporâneos. Era, em suma, um homem motivado a emigrar por circunstâncias políticas, possuído de uma atração irresistível pelas viagens e ansioso por fazer fortuna com o comércio.

De sua bagagem constavam armas, munições e instrumentos necessários, tanto para a caça como para o preparo de animais, incluindo produtos químicos para conservá-los, estopa para enchimento e até mesmo olhos de esmalte para reproduzir com maior exatidão a cor natural. Para as coletas botânicas, haviam sido adquiridas prensas de herbário e papéis, e para as observações meteorológicas e da altitude de locais importantes sob os pontos de vista geográfico e geológico, Isabelle trazia consigo um barômetro, um termômetro, um higrômetro, uma bússola de meridiano e um relógio de segundos. O viajante também havia reunido para a viagem uma coleção de obras de história natural e outros livros de consulta. Como ajudante, Isabelle contratou um “jovem preparador bastante hábil”, que receberia uma duplicata de todas as suas coleções como pagamento.

Para as despesas de uma permanência por quatro a cinco anos, Isabelle cometeu inicialmente o erro de inverter seu capital em tecidos e utensílios, para serem comercializados em Buenos Aires. Ao desembarcar nesta cidade, em março de 1830, acabava de rebentar uma guerra civil na Argentina, o que levou o viajante necessitado de dinheiro, a vender suas mercadorias com grande prejuízo. Feitas as contas com o frete, direitos alfandegários, comissões, armazenagens, etc., encontrou-se finalmente “com um déficit de cinquenta por cento”.

O plano de viagem originalmente concebido era muito ambicioso. Isabelle tencionava alcançar inicialmente a cidade de Mendoza, aos pés da Cordilheira dos Andes, para encontrar-se

com seu “devotado amigo Anatole Ch.”. A partir daí seriam percorridas as províncias de San Juan, La Rioja, Catamarca, Salta e Jujuy. Tucumán mereceria uma estada mais prolongada, devido a sua “variedade de produtos naturais”. Desceria então para Santiago del Estero, Córdoba e Santa Fé, partindo a seguir pelo rio Paraná até as fronteiras do Paraguai. A província de Corrientes seria posteriormente atravessada, bem como a região das antigas Missões, para alcançar a Banda Oriental⁶. De Montevidéu pensava deslocar-se por mar à costa patagônica e, “deste interessante lugar, voltar a Buenos Aires pelo interior de sua província”.

⁶ Antigo nome da Província Cisplatina, atual República Oriental do Uruguay.

Impossibilitado de reunir-se com seu amigo mendocino e até mesmo de internar-se pela província de Buenos Aires, devido à insurreição, decidiu finalmente fixar-se na capital argentina com um estabelecimento industrial “que permitisse recuperar em alguns anos as perdas que havia sofrido”.

O frustrado viajante manteve então por três anos uma indústria de sabão, velas e sebo fundido, em sociedade com um jovem alemão. Liquidado o negócio, decidiu finalmente empregar seus escassos recursos em um projeto de viagem mais modesto, “porém não menos interessante”, que lhe proporcionasse a “oportunidade de estabelecer um paralelo entre o caráter brasileiro, o dos orientais e o dos argentinos”, além de conhecer melhor alguns dos produtos naturais destas regiões. O contato com uma natureza distinta da européia e o convívio neste período com o preparador que havia trazido do Velho Continente, aumentaram em Isabelle o gosto pela História Natural. As observações realizadas nesta viagem constituem o cerne da obra que nos cabe examinar.

O livro abrange a estadia no Prata, incluindo Montevidéu e Buenos Aires, a navegação pelo rio Uruguai até a fronteira brasileira, a viagem pelo Rio Grande do Sul e, finalmente, suas reflexões sobre as possibilidades do comércio francês nestas regiões da América. Concluída a viagem, o emigrado francês retornou a Buenos Aires, mas viu-se forçado a abandonar a Argentina, por suas idéias liberais. Transferiu-se então para Montevidéu, e retornou em seguida para a França, onde finalmente publicou seu livro de viagem.

Ao voltar para a América do Sul, radicou-se em Montevidéu, onde passou grande parte de sua vida. Ali constituiu uma família, trabalhou como funcionário da Aduana, agente consular da França, professor de contabilidade, membro da comissão do Sistema Métrico e do Instituto de Instrução Pública. Em novas viagens, conheceu o Paraguai, a Patagônia e novamente o Brasil.

Marmier⁷ encontrou-o em 1850 como redator-chefe do jornal *Le Patriote Français*, mantido por um grupo de exilados franceses. Escreveu libelos contra a tirania de Rosas e o cerco de Montevidéu pelo exército de Oribe. No combate do Cerrito perdeu seu filho primogênito, na condição de oficial da Legião Francesa.

⁷ MARMIER, X. *Buenos Aires y Montevideo en 1850*. Buenos Aires: El Ateneo, 1948. 171 p. (Trad. José Luis Busaniche).

Integrado definitivamente pelo pensamento e ação à vida do Prata, terra pela qual tombou seu filho, movido por nobres ideais, Isabelle abordou amiúde os problemas regionais nas colunas do jornal e em outras publicações. O conhecimento do Rio Grande do Sul e dos países do Prata convenceu-o da excelência destas terras e do clima para a imigração européia. Fruto destas preocupações, foi a interessante obra *Émigration et Colonisation dans la Province Brésilienne de Rio-Grande-du-Sud, la République Orientale de l'Uruguay et tout le Bassin de la Plata*, vinda a lume em Montevidéu no ano de 1850, em que deixou registradas sua preocupação pela situação de miséria vivida pelos proletários na Europa, e as vantagens da imigração para a América, com a colonização de áreas desertas.

A respeito de sua integração à pátria que o acolheu, Tostes opinou:

*Seu amor pela nova terra transparece também no sofrimento com que assiste à sucessão cruel das suas lutas internas e externas. O drama do Uruguai, como o da Argentina, como o do decênio rio-grandense, encontram nele a mesma ressonância que os sofrimentos distantes de sua pátria. Mas, assim como confia no futuro da França e na vitória dos ideais revolucionários, também olha com olhos de esperança os países jovens da América, e acompanha os seus anseios de independência e as suas primeiras peijas pela liberdade.*⁸

⁸ TOSTES, T. Nota sobre Arsène Isabelle. *Província de São Pedro*, n. 3, p. 44-47, 1945.

Terminado o período de tirania, Isabelle dedicou-se ao magistério, à atividade literária e à realização de pesquisas científicas. São desta fase as monografias: *Los moluscos y los roedores*, *Las plantas sarmentosas del rio Uruguay* e *Salvación de las Repúblicas Sudamericanas*. Em carta enviada a Aimé Bonpland, relatou seus projetos de estudos paleontológicos com ossadas de um mastodonte, de um tatu gigante e de um ictiossauro. Existem ainda registros de que teria projetado escrever sobre a tirania de Rosas.

O grande botânico uruguaio Jose Arechavaleta⁹ refere tê-lo conhecido, quando morava em uma casa modesta da rua Sarandi, na "Ciudad Vieja" de Montevidéu, entre as ruas Misiones e Zabala. Recorda que pelos anos de 1860-1864 costumava vê-lo nos arredores daquela capital estudando minerais. Embora sem ter travado relações sociais com o francês, Arechavaleta informa que os objetos de História Natural recolhidos por Isabelle eram enviados à França e particularmente ao Museu de Paris.

Arsène Isabelle somente retornou a Le Havre em idade avançada e ali veio a falecer em 1879, como cônsul do Uruguai, aos 80 anos. Foi até o fim um homem pobre, fiel às mesmas idéias liberais de sua juventude e sempre interessado pelos destinos das jovens repúblicas do Prata e de sua França natal.

⁹ ARECHAVALETA, J. *Flora Uruguaya*. Montevideo: Talleres A. Barreiro Y Ramos, 1905. Tomo II. p. XLI.

A estadia no Prata

Nos primeiros 12 capítulos de seu livro de viagens, Isabelle relata a travessia do Oceano Atlântico, suas observações a respeito das duas capitais do Prata e o trajeto ao longo do rio Uruguai até a fronteira do Brasil. São abordados os usos, costumes, organização social, situação política e atividade econômica, tanto no Uruguai como na Argentina, incluindo as cronologias sobre os acontecimentos ocorridos nas respectivas repúblicas, desde a época do descobrimento.

O jovem viajante chegou a Montevidéu a 28 de fevereiro de 1830, em período de seca intensa. Registrou então o aspecto triste dos arredores da cidade e seu famoso “Cerro”, coberto por gramas de tom acinzentado. A pequena cidade seduziu-o desde logo pela “deslumbrante brancura” de suas casas quadradas de planta baixa, geralmente encimadas por terraços e às vezes com miradores. Chamou-lhe a atenção a “extravagância” das torres da igreja Matriz, com suas cúpulas revestidas de louça colorida, as fortificações, a presença de “soldados africanos” e a tez olivácea dos crioulos-mestiços, que lhe deram a estranha sensação de encontrar-se em alguma cidade da Síria ou Palestina. Faltavam apenas os “cedros de esbelta copa, palmeiras e romãs”, arrematou. Referiu-se ainda ao plano regular da cidade, com ruas bem alinhadas, cortadas em ângulo reto e guarnecidas de calçadas, mas infelizmente ainda sem pavimentação, que as tornavam “tão desagradáveis em tempos de chuva como de seca”. Elogiou o aspecto amável de seus habitantes e a “inteligente administração do senhor Vazquez”, que comparou com a de Bernardino Rivadavia em Buenos Aires.

Isabelle referiu-se ainda à “baía ovalada” e ao porto, observando a necessidade urgente de trabalhos hidráulicos e de outras obras para a proteção dos navios atracados. Lamentou que o mesmo não estivesse instalado na foz do rio Santa Lucia, a oeste do Cerro, local aparentemente mais seguro contra os ventos e favorável à atracação de navios de grande tonelagem.

Após discorrer sobre aspectos geográficos, formação histórica e organização política da jovem república uruguaia, Isabelle conclui por recomendá-la aos capitalistas, comerciantes e industriais que pensam em aumentar sua fortuna ou bem-estar, com base no término dos distúrbios civis, nos termos de sua nova constituição, em sua posição neutra e no amor à ordem e à necessidade de paz, dominantes em sua classe ilustrada. Ressaltou a importância de Montevidéu como centro comercial na região do Prata e resumiu sua opinião favorável, dizendo que o Uruguai “parece não ter adotado por divisa a ingratidão”.

A descrição de Buenos Aires foi bastante completa. Afirmou, de início, seu caráter de cidade comercial, “uma metrópole digna de melhor sorte”.¹⁰ Elogiou a implantação da cidade,

¹⁰ ISABELLE, A. *Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*. Op. cit., p. 109.

quando vista desde o rio da Prata, situada em uma planície elevada em relação à costa, tendo três quartos de légua de comprimento, com o forte no meio e, não longe deste, “um edifício mourisco que contrasta singularmente com as numerosas cúpulas das igrejas e conventos”¹¹. Criticou a dificuldade de acesso, pois os navios fundeavam ao largo, sendo necessária a baldeação dos passageiros e mercadorias para carretas puxadas a bois, providas de enormes rodas, que percorriam meia milha de praia até a terra firme. Sua descrição do traçado da cidade vale ser transcrita:

*Se quereis formar uma idéia exata do plano de Buenos Aires, tomai vários tabuleiros de xadrez, reúna-os e imagine que a linha que separa cada um dos quadradinhos é uma rua; tereis assim certo número de ruas, todas iguais em comprimento e em largura, que deixam entre si um quadrado de casas ou uma praça pública. Isto é Buenos Aires.*¹²

¹¹ ISABELLE, A. *Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*. Op. cit., p. 110.

¹² ISABELLE, A. *Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*. Op. cit., p. 113.

¹³ Antigo edifício mourisco, não mais existente em Buenos Aires, situado onde hoje se encontra a Casa Rosada. Na época ficava em frente ao Forte, na Plaza de la Victoria.

Isabelle refere que a capital argentina compunha-se em 1830 de trezentas e sessenta quadras e dezesseis praças, incluindo a famosa “Plaza de la Victoria”. Dentre as principais construções da cidade relaciona o Forte anteriormente citado, o Cabildo, quatorze igrejas, dois hospitais, a Universidade, a Sala de Representantes, o Tribunal de Comércio, o Coliseu, a “Recoba”¹³, o Teatro Provisional e o Quartel do Retiro. Faz também considerações sobre a situação política da Argentina, sua organização social, usos, costumes, governo, polícia e aspectos da indústria, comércio e navegação, dando uma visão panorâmica do país, no início da década de 1830. Suas minudências sobre o governo de Rosas, que se transformara em uma espécie de “dono do país”, são igualmente interessantes.

Após a necessária autorização do ministro da guerra e do chefe de polícia, Isabelle deu finalmente início à sua viagem a Porto Alegre, em 23 de setembro de 1833. Eugenio Gamblin e Eduardo Nouel d’Angouleme foram os seus companheiros, à bordo da balandra “Isabela”. O primeiro era o preparador trazido da França e o segundo, seu sócio na indústria de velas e sabões. Acompanhando esta comitiva, iam até as Missões um artesão provençal e um cidadão alemão, de nome não registrado na obra.

Em quatro horas foi alcançada a ilha de Martín García, passando ainda no mesmo dia a navegar no rio Uruguai.

Os viajantes aportaram em diversas localidades, destacando-se Paisandú e Salto. São descritos com detalhes o comportamento do rio, aspectos da geologia, vegetação e fauna, os antecedentes históricos da região, as atividades econômicas, bem como o tipo físico, indumentária, usos e costumes da população.

No dia 9 de novembro cruzaram ao largo da aldeia “abandonada” de Bella Unión, a última da “Banda Oriental”, alcançando em seguida o território brasileiro.

A Viagem pelo Rio Grande do Sul

Com o rio Uruguai transbordando e expostos às intempéries de uma estação chuvosa, a expedição de Isabelle suportava já há cinco semanas uma situação de privação e miséria. Apesar das dificuldades, suas primeiras palavras expressam a satisfação pelos campos verdejantes e a maior abundância de árvores e animais, compondo uma paisagem com aspecto de “vida e cultura”, que contrastava com os “desertos” acabados de percorrer.

¹⁴ Atual Uruguaiana.

A 14 de novembro passaram diante do casario de Santana¹⁴, a primeira guarda brasileira ao longo do Uruguai. O lugarejo havia sido castigado pela enchente e seus moradores se transferiram para uma elevação, aguardando o fim do “dilúvio”.

¹⁵ Atual localidade de mesmo nome, no interior de Uruguaiana.

A 18 de novembro pernoitaram na estância de “São Marcos”¹⁵, onde foram bem recebidos pelo proprietário, que acabou desapontado ao verificar que os visitantes eram “apanhadores de bichinhos” em vez de negociantes para uma “transação vantajosa”.

A vila de Itaqui foi alcançada a 23 de novembro. Acabava de ser inundada pelo Uruguai e seus habitantes recém voltavam, “depois de haverem bivaqueado oito dias sobre uma colina próxima”. Isabelle descreveu-a como tendo “uns vinte ranchos mal construídos, colocados sem nenhuma ordem e muito próximos uns dos outros, em um solo pedregoso, cheio de lagartos e cobras na parte oeste, lodoso e árido a leste”. Era a segunda guarda brasileira, vindo do Uruguai.

Em Itaqui a expedição trocou de barco, passando a ocupar uma “chalana”, coberta por um teto leve, feito de caniços e couros esticados por meio de correias. Durante os três dias de permanência na vila, a população mostrou-se muito intrigada com a bagagem de borboletas, bichinhos, capim, pedrinhas e “outras tantas frioleiras”, passando a tecer conjecturas mirabolantes: uns pensavam ser Isabelle um bispo, que teria vindo restabelecer o “reino dos jesuítas nas Missões”; outros, que era um vil emissário de Dom Pedro I; e a maioria, de que estavam simplesmente loucos.

¹⁶ Atual bairro de São Borja, que conserva o mesmo nome e a antiga função portuária.

São Borja foi alcançada a 25 de novembro. O “Passo”¹⁶ é descrito como uma simples clareira escarpada no meio do mato, a mais de meia légua da povoação.

Isabelle registrou a decepção de seus companheiros com o aspecto do povoado. São Borja foi descrita como sendo “um verdadeiro quartel”, tendo uma praça central de quinhentos pés de comprimento por quatrocentos de largura. Casas de moradia de planta baixa, construídas de argila e madeira, ocupavam três de seus lados, formando no contorno da praça uma galeria aberta, sustentada por pilares quadrados de pedra rosada.

A igreja, feita de pedra talhada e com uma pequena torre quadrada, pareceu ao viajante francês como um “verdadeiro teatro”, pelo luxo dos ornamentos e detalhes interiores. Tinha na

fachada um pórtico sustentado por colunas de madeira dura e um portal artisticamente esculpido. À esquerda da igreja situava-se o colégio, “confortavelmente disposto e solidamente construído”, e depois um hospital. Contíguos a este ficavam as “oficinas públicas, os armazéns públicos, as cozinhas públicas, etc.”.

O aspecto das construções era ruinoso mas estas, em vez de serem reparadas, simplesmente forneciam material para novas obras. Isabelle relatou seu temor ao entrar na igreja, pois a cumeira parecia desabar. O colégio estava sendo ocupado pelo comandante militar e as antigas casas dos índios pelas demais autoridades e comerciantes.

Isabelle permaneceu dois meses na região, “indo e vindo de São Borja à foz do Piratini”, onde residia Bonpland. A visita ao companheiro de Humboldt, para quem trouxera uma série de livros, era um dos pontos altos de sua viagem. Isabelle registrou a colaboração do antigo jardineiro da Imperatriz Josefina para o sucesso de suas coletas zoológicas. A região vizinha ao Piratini foi descrita como montanhosa e de excelentes pastagens, tendo florestas de pequena extensão, chamadas localmente de “capões” ou “islas”, em Corrientes.

Em sua passagem por São Borja, Isabelle conheceu dois franceses, Serni e Ingrès. O último era irmão do célebre pintor francês.

A viagem foi reiniciada a 4 de fevereiro. Isabelle e seus dois companheiros partiram com uma tropa, conduzida por uma caravana de sete carretas, puxadas por oito bois, além de trinta destes animais e oito cavalos para mudas. Integravam a caravana um tropeiro ou capataz “brasileiro”¹⁷, e quatro arreadores ou “picadores”, dos quais dois eram negros, um índio e o outro “brasileiro”.

No dia 10 de fevereiro a caravana passou por perto das nascentes do rio “Guaiaraçá”¹⁸, afluente do “Camaquã”¹⁹, descrito como pequeno e correndo sobre um leito de grés vermelha. Isabelle anotou que estavam vinte léguas ao norte de “Alegrete”²⁰, referida como uma pequena e nova cidade, de ativo comércio, assentada em colinas rochosas, à margem direita do “Guarapuitan”²¹ afluente do Ibicuí.

Na noite de 11 de fevereiro a caravana chegou à paragem de “Boqueirão de Santiago”²², situada a sudeste e cerca de treze léguas do “Guaiaraçá”. No dia 18 desceram um vale profundo, saibroso, coberto de espessa mata e com poucos habitantes, que cultivavam milho, mandioca, feijão e melancia. A criação de gado nesta região era dificultada pela falta de sal, necessário à nutrição dos animais.

Descida a serra, a caravana atravessou a pequena povoação de “São Francisco”²³, composta de duas vendas, “dez ou doze choupanas e três ou quatro casas de madeira, cobertas de telhas vermelhas”. A situação desta antiga “povoação de guaranis, de-

¹⁷ Termo utilizado por Isabelle para referir-se aos cidadãos de ascendência portuguesa.

¹⁸ Atual rio Iguariaçá.

¹⁹ Atual rio Icamauã.

²⁰ Atual cidade de mesmo nome.

²¹ Atualmente dito Ibirapuitã.

²² Atual Santiago.

²³ Atual São Francisco de Assis.

²⁴ Atual rio Jaguari, por vezes dito Jaguari Grande.

pendente das Missões”, foi vista por Isabelle como muito favorável por situar-se em um pequeno planalto, próximo ao rio Jaguari-guaçu²⁴, rodeado de matas, pastagens e à margem da estrada das Missões, fatores que a predestinavam, segundo o autor, a converter-se no “mercado dos lugarejos e das estâncias da Serra das Missões”.

A uma légua de São Francisco a caravana vadeou o Jaguari-mirim., um pequeno rio “que corre sobre areias brancas e transborda com as menores chuvas”. O próximo a ser transposto foi o Jaguari-guaçu. Esta travessia deu-se nas proximidades da atual ponte da estrada que liga São Francisco de Assis com São Vicente do Sul. Na descrição de Isabelle é fácil reconhecer o atual cerro do Loreto:

*Diante do vau, à distância de quarto de légua, um morro isolado, na planície verdejante, eleva-se a mais de cem toesas de altura e parece uma imensa fortaleza erguida para defender a passagem e proteger a planície. Sua forma é exatamente a de um catafalco com sessenta toesas de comprimento no cimo, sobre dez toesas de largura, ao passo que os picos se alargam muito de cada lado, ao norte e ao sul. A parte que olha para oeste é coberta de matos irregulares e deixa ver clareiras verdejantes.*²⁵

²⁵ ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Op. cit., p. 27.

O vizinho cerro “Bicudo” foi descrito a seguir, com bastante clareza: “Um pouco mais longe na direção de sudeste outro morro da mesma altura, mais ou menos, que o catafalco, apresenta o aspecto de um cone fundido, mas tão coberto de matos até o cimo que parece todo negro”.²⁶

²⁶ ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Op. cit., p. 28.

²⁷ Atual cidade de São Vicente do Sul.

A 21 de fevereiro a caravana passou pelo lugarejo de São Vicente²⁷, formado por uma capela e umas vinte famílias de índios guaranis, dirigidas por um tenente brasileiro, dependente da “comandância de São Borja”.

A região entre São Vicente e o rio Toropi foi descrita como de terreno ondulado, arenoso, com pastagens melhores do que as da serra e árvores menos vigorosas. Sobre as colinas, Isabelle observou a presença de restos orgânicos fósseis de “dicotiledôneas”, na forma de troncos com três a quatro pés de comprimento. As amostras colhidas foram incorporadas ao “Museu”.²⁸ O autor registrou seu desejo, não realizado, de fazer algumas escavações, pois suspeitava também haverem “ossamentas de animais” fósseis nestas jazidas.

²⁸ Museu de Paris. Não existe material coletado por Isabelle nas coleções do Museu de História Natural de Montevideo (MVM). O uruguaio Arechavaleta observa que Isabelle remetia suas coletas ao Museu de Paris, e se refere ao francês como dileitante das ciências naturais.

A travessia do rio Toropi foi “péssima”. Para a passagem das carretas foram necessárias oito juntas de bois e, mesmo assim, uma delas virou ao subir a barranca e outra ficou atolada, exigindo muito trabalho para liberar as rodas. No leito do Toropi, Isabelle voltou a encontrar grande quantidade de madeira fóssil.

O próximo rio a ser transposto foi o Ibicuí, “distante somente duas léguas e meia” do Toropi. No trajeto, a caravana passou por uma planície baixa e muito pantanosa. Isabelle relatou nunca ter visto “tantos pássaros reunidos e de espécies tão variadas”, como nesta região.

²⁹ Nome conservado de uma localidade no interior do município de Dilermando de Aguiar, a sudoeste de Santa Maria.

³⁰ Atual cidade de Santa Maria.

A 27 de fevereiro foi alcançado o “lugarejo de Porteira-nha”²⁹, cujo nome Isabelle informou proceder de uma antiga porteira de estância jesuítica, com vestígios ainda existentes na ocasião. A cerca de seis léguas de distância, avistava-se a “Capela de Santa Maria da Serra”³⁰.

A situação de Santa Maria foi descrita como muito agradável e tendo arredores encantadores, “passavelmente habitados”. Sua população foi estimada em mil e duzentas almas e as casas, apesar da arquitetura simples, tinham quase sempre um pequeno jardim fechado no fundo, com um laranjal, contribuindo para o embelezamento da paisagem. Isabelle destacou a função comercial do povoado, favorecida por sua posição central na província, que a convertera no mercado dos “lugarejos, compreendidos entre Cachoeira, Caçapava, Alegrete e São Borja”.

Isabelle voltou a encontrar troncos fósseis em Santa Maria, registrando que seus habitantes os tomavam por pedras comuns. A seguir informou sobre a existência de uma mina de ouro em atividade, cinco léguas ao sul de Santa Maria, e de diversas minas em exploração nos arredores da “vilazinha de Caçapava”³¹, além da possibilidade de garimpo na areia e cascalho do rio Camaquã. Classificou os métodos de lavagem utilizados como muito ruins, recomendando o uso de máquinas apropriadas para reduzir as perdas.

³¹ Atual cidade de Caçapava do Sul.

No dia 5 de março a caravana pernitoou a duas léguas do rio Jacuí. Isabelle registrou nesta ocasião ter encontrado pela primeira vez uma arvorezinha chamada araçá³², tendo frutas amarelas da “grossura e forma de uma perinha, mas com o gosto de framboesa”.

³² *Psidium cattleianum* Sabine.

De Santa Maria até a margem direita do rio Jacuí foram seis dias de viagem e “de treze a quatorze léguas”. Neste percurso ocorreram muitos contratemplos, tendo as carretas atolado, virado duas vezes e quebrados três eixos.

Os arredores do rio Jacuí foram descritos como “verdadeiramente lindos” e comparados aos do Jaguari. O rio estava baixo e a maior dificuldade encontrada foi a transposição de suas margens escarpadas. A largura do vau foi comparada com a do Sena, frente às Tulherias³³.

³³ Palácio de Paris, à margem direita do Sena, destruído durante a Revolução Francesa, tendo restado apenas os jardins.

Ao comentar as “belas planícies” do Jacuí, Isabelle lastimou que a maior ambição dos estancieiros do Rio Grande seja a posse de grandes rebanhos e da “maior extensão possível de campo”. Observou não serem raras as estâncias com “dez, vinte e trinta léguas ou mais de extensão”, principalmente nas Missões e fronteira com a Banda Oriental. Criticou os estancieiros que, não

contentes com a concessão destes vastos terrenos pelo governo, compram ainda de seus vizinhos pobres as terras que os rodeiam, livrando-se assim de “qualquer concorrência inoportuna”. Para ele, a posse de grandes propriedades nas mãos de um só indivíduo ou de uma só família, retarda consideravelmente o progresso do país. Isabelle comenta que o governo brasileiro quis remediar este “abuso”, proibindo a concessão a um mesmo indivíduo de mais de uma sesmaria, lei que entretanto não era cumprida, por ser de difícil implantação, sem causar “injustiça flagrante”.

A vila de Cachoeira³⁴, alcançada a 12 de março, foi descrita como uma linda cidadezinha construída sobre uma colina, à margem esquerda do Jacuí. As casas brancas por fora, eram de pedra e tijolo, sendo cobertas de telha vermelha e a igreja, de “extrema simplicidade”, parecia apenas uma “casa grande”. O “aprazível” sítio urbano foi considerado muito favorável ao intercâmbio comercial, por sua fácil comunicação com a capital, através do rio Jacuí. Isabelle anotou que Rio Pardo distava apenas oito léguas de Cachoeira, havendo elegantes barcos que comunicavam esta localidade com Porto Alegre. Informou ainda que estava por iniciar uma linha de barcos a vapor, ligando Cachoeira e a cidade de Rio Grande, com escala em todos os pontos intermediários.

A sete ou oito léguas a leste de Cachoeira, a caravana alcançou o passo do Botucaraí, um rio de “muita profundidade e correnteza”. Na colina da margem direita foram observadas “pedrinhas de sílex, de calcário e madeira fóssil”, em argila arenosa. Registrou que este passo era ainda mais movimentado do que o do Jacuí em Cachoeira, posto que todas as caravanas que partiam de Rio Pardo, em direção ao interior da província, necessitavam utilizá-lo.

A uma distância de quatro a cinco léguas a nordeste do passo, Isabelle descreve a “Serra do Botucaraí”, formada por uma cadeia de morros independentes mas paralela a Serra Grande³⁵. Quanto ao Cerro do Botucaraí³⁶, especulou sobre sua origem vulcânica, com base em informações de moradores das redondezas, que relatavam “detonações muito fortes em seu interior”. Informou ainda sobre a presença de um lago rico em ouro e pedras preciosas no cume deste morro.

Nas proximidades de Rio Pardo, Isabelle encontrou um maior número de habitações e chácaras sombreadas por laranjeiras e limoeiros. A travessia do rio Pardo foi feita por ponte de madeira, construída em 1825. Para orgulho dos habitantes da província, não acostumadas a estas obras de engenharia, possuía seis arcos, sustentados por pilastras de quatro pés de espessura.

Vista de longe, a cidade de Rio Pardo foi descrita como de arquitetura graciosa, tendo sobrados brancos, cobertos de telhas vermelhas redondas e três igrejas nos pontos mais elevados.

³⁴ Atual cidade de Cachoeira do Sul.

³⁵ Refere-se à Serra Geral.

³⁶ Situa-se nas proximidades da cidade de Candelária.

Isabelle observou que o sítio urbano ocupava o cume e declive de um grupo de colinas, na confluência do rio Pardo com o Jacuí, formando quase uma ilha.

A cidade, com população estimada entre cinco e seis mil habitantes, tinha um “próspero comércio”, por ser o ponto de abastecimento das demais vilas e cidades do interior da província. A comunicação com Porto Alegre era “muito rápida”, através de barcos de até vinte toneladas.

De Rio Pardo o trajeto seguiu a via fluvial, de modo mais cômodo do que nas “chalanas do Uruguai”. Isabelle referiu-se a uma pedreira de calcário à cinco léguas desta cidade, à margem esquerda do Jacuí; notou que as pedras utilizadas no calçamento de suas ruas, muito duras e cinzentas, eram provenientes da outra margem do rio.

A meio caminho entre Rio Pardo e Porto Alegre, o barco fez escala em Santo Amaro³⁷, descrita como uma vila “agradavelmente situada sobre os altos cerros que costeiam a margem esquerda do Jacuí”, tendo uma igreja muito bela e algumas casas particulares bem construídas. Já naquela época Santo Amaro estava em decadência econômica, não tendo mais a importância comercial de antigamente. Prosseguindo viagem, o barco deixou à esquerda a “Freguesia Nova”³⁸, situada junto à foz do Taquari-guaçu³⁹. Em Charqueadas⁴⁰, Isabelle descreveu os muitos “saladeros”⁴¹, “melhor montados do que os de Buenos Aires”, e as belas casas, solidamente construídas, cercadas de jardim.

A chegada a Porto Alegre deu-se a 20 de março. Isabelle deslumbrou-se com a paisagem da capital da província, comparando-a com a da Provença francesa e o céu com o da Itália. Registrou sua dificuldade em descrever o quão pitoresco pareceu-lhe esta cidade, cujo nome reputa como “certamente feliz”:

Na extremidade de uma colina, vindo-se de leste, sob o paralelo 30 de latitude austral e 54° de longitude ocidental do meridiano de Paris, eleva-se em anfiteatro, sobre uma encosta de perto de sessenta metros, a linda pequena cidade de Porto Alegre, cujos tetos róseos, pouco levantados e salientes, destacam -se admiravelmente, coroando casas brancas ou amarelas de uma arquitetura simples e graciosa.⁴²

A vista da cidade, desde o alto da atual praça da Matriz, foi definida como um “espetáculo difícil de ver, mesmo na Grande Ópera”, tendo o porto ao norte, as ilhas e os cinco “rios” estendendo-se como os dedos de uma mão aberta, as casas de recreio bordejando a margem sombreada da baía e a várzea ou planície atrás da cidade, com lindas casas de campo sobre o alto dos morros. Isabelle não poupou elogios ao seu clima saudável e

³⁷ Vila de Santo Amaro, no atual município de General Câmara.

³⁸ Atual cidade de Triunfo.

³⁹ Atual rio Taquari.

⁴⁰ Atual cidade de Charqueadas.

⁴¹ Nome espanhol para Charqueada. A indústria saladeiril (ou “do charque”), era muito desenvolvida no atual município de Charqueadas.

⁴² ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Op. cit., p. 56.

conveniente aos europeus, comparando-o com os calores sufocantes do Rio de Janeiro e as noites frias ou “polvaredas” de Buenos Aires.

Isabelle estimou a população da capital da província em doze mil habitantes, ressaltando que poderia chegar a quinze mil, se fosse computada a população flutuante, atraída pelo comércio. Para expressar o intenso ritmo de crescimento da cidade, registrou a construção de uma casa por dia, “nestes últimos anos”.

⁴³ Atual rua dos Andradas.

⁴⁴ Atual rua Duque de Caxias.

Duas ruas mereceram destaque: a “da Praia”⁴³, na parte baixa da cidade, que concentrava as principais lojas e casas de comércio, e a “da Igreja”⁴⁴, situada no alto da colina, onde ficavam a casa do governador da província, a tesouraria e a igreja principal. Referiu-se à última como “ponto de reunião do belo sexo nos dias de festas civis ou religiosas” e como local utilizado pela população quando saía para “gozar da frescura de uma boa noite...”. Entre os prédios públicos, Isabelle destacou quatro igrejas, um hospital, uma casa de misericórdia, um arsenal, dois quartéis e uma cadeia “recentemente construída”. Na “Várzea”⁴⁵, ao sul, estava em projeto a construção de um museu e jardim botânico, melhoramentos que tornariam Porto Alegre uma das mais belas cidades do Brasil, segundo sua opinião.

⁴⁵ A várzea da Redenção, área do atual Parque Farroupilha, ainda dito “da Redenção”.

Isabelle comentou o descaso existente em toda a província do Rio Grande do Sul com a educação. Em Porto Alegre havia apenas escolas primárias e recém acabavam de ser instaladas duas escolas “primárias-superiores”; os jornais periódicos resumiam-se a quatro ou cinco “inteiramente consagrados à política” e a sociedade estava dividida em dois partidos: os “caramurus”, simpatizantes do regime monárquico, e os “farroupilhas”, adeptos do regime republicano. Ainda não havia um teatro digno deste nome na cidade, mas apenas um “armazém meio subterrâneo” onde, de tempos em tempos, eram encenadas “comédias burguesas”. O viajante passou, contudo, a informação do plano de construir-se um teatro “muito lindo” na rua do Ouvidor⁴⁶, que considerou inadequada por transformar-se “numa verdadeira catarata” em dias de chuva.

⁴⁶ Ou rua da Ladeira, atual rua General Câmara.

O comércio de Porto Alegre foi definido como “muito ativo”, havendo sempre no porto uns cinquenta barcos nacionais e estrangeiros e uma grande quantidade de pirogas e chalanas de todos os tamanhos.

Nos arredores de Porto Alegre, Isabelle visitou a vila de Viamão, a estância de Boa Vista, Barrucadas⁴⁷ e a colônia de São Leopoldo⁴⁸.

⁴⁷ Atual Barrocadas, no município de Santo Antônio da Patrulha.

⁴⁸ Atual cidade de São Leopoldo.

Viamão, pequena cidade reduzida a vila, três léguas a sueste da capital, antiga sede do governo provincial, em substituição a Rio Grande, possuía na época não mais de quinhentos habitantes e uma capela “digna de ser visitada”. Sua base econômica era a cultura da mandioca e o fabrico de jarros, vasilhas e tijolos.

Na estância da Boa Vista, Isabelle conheceu um curtume de couros, dirigido por um francês, o Conde de Rio Pardo, definido como um aristocrata de “caráter amável e benévolo”.

Quanto à povoação de Barrucadas, Isabelle informou situar-se a cerca de dez léguas de Porto Alegre. Em suas colinas o viajante anotou a ocorrência de “blocos consideráveis de hidrato de ferro celular, no meio duma argila amarela e arenosa”.

Em São Leopoldo, o viajante francês surpreendeu-se com o aspecto de povoação “européia”, situada no meio de uma planície baixa e com o cultivo cuidadoso das terras nas pequenas propriedades da região, rodeadas de fossos profundos ou sebes vivas. As duas léguas de sua circunferência abrigavam em apenas cinco anos de fundação, cerca de cento e cinquenta casas e uma população estimada em mil almas.

Nesta ocasião, conheceu o Dr. João Daniel Hildebrand⁴⁹, antigo companheiro de Sellow⁵⁰ em suas andanças pela região, e grande admirador de história natural. Referiu-se à sua numerosa coleção de pássaros, insetos e “madeiras úteis”, além de peças antropológicas. A lista das principais amostras de madeiras do Dr. Hildebrand foi anexada à obra de Isabelle.

O último trecho da viagem pelo Rio Grande do Sul foi realizado por barco, correspondendo ao trajeto de Porto Alegre a Rio Grande, percurso em que foram conhecidas as cidades de São Francisco de Paula, São Pedro e São José.

Isabelle referiu-se a São Francisco de Paula⁵¹ com palavras elogiosas. Embora tendo menos de dez anos de existência, a “encantadora cidadezinha” reunia de sete a oito mil habitantes, competindo com Porto Alegre em importância comercial e número de prédios em construção. Sua posição topográfica foi considerada aprazível, por estar assentada em uma coxilha, à margem esquerda do rio São Gonçalo e apenas a uma légua e meia de sua desembocadura na lagoa dos Patos. Isabelle previu-lhe um grande futuro comercial e industrial, destacando a pujança de suas charqueadas.

A posição das cidades de São Pedro⁵² e São José⁵³ foi considerada “mortalmente triste”, no meio de dunas que encham as ruas de areia e por vezes enterram as casas baixas. Estimou a população das duas em menos de seis mil habitantes, quatro mil dos quais habitando a “cidade do Sul” e mil e quinhentos a “do Norte”. Para conter as dunas, Isabelle sugeriu o plantio de árvores adaptadas a terrenos arenosos, tais como espinilhos⁵⁴, mandu-bais⁵⁵ e carandis⁵⁶.

Isabelle observou que a prosperidade de São Pedro devia-se ao “espírito de associação” de seus negociantes, que investiam grandes fortunas em empresas de utilidade pública, como a construção de uma espaçosa alfândega, do cais, de um novo teatro, e do Paço do Conselho. Como pontos positivos, lembrou sua pro-

⁴⁹ Renomado médico e cirurgião da então colônia de São Leopoldo, nascido em Hamburgo (Alemanha). Falava fluentemente o francês e o português.

⁵⁰ Friedrich Sellow (1789-1831). Botânico alemão, integrante da comitiva de naturalistas que veio ao Brasil com Dona Leopoldina, noiva de Dom Pedro I. Percorreu o Rio Grande do Sul de 1823 a 1827, coletando cerca de 3500 espécimes vegetais. Em maio de 1827 retornou à Corte (Rio de Janeiro), vindo a falecer por afogamento no rio Doce, em novembro de 1831.

⁵¹ Atual cidade de Pelotas.

⁵² Atual cidade de Rio Grande.

⁵³ Atual cidade de São José do Norte.

⁵⁴ *Acacia caven* (Mol.) Mol., da família *Leguminosae*.

⁵⁵ *Prosopis affinis* Spreng. (sin. *Prosopis Algarobilla* Gris.), da família *Leguminosae*.

⁵⁶ Árvore não identificada. Carandá é o nome atribuído atualmente a várias palmeiras sul-americanas, dentre as quais *Tritrinax brasiliensis* Mart., nativa no Rio Grande do Sul.

ximidade com a progressista São Francisco de Paula, distante apenas nove léguas a oeste, e a fácil comunicação com a própria capital da província.

Destacou ainda a existência de três ruas principais muito compridas na direção leste-oeste, de edifícios públicos e particulares construídos com bom gosto, além de “soberbas casas de três andares, com balcões de ferro e fachadas de pedra lavrada”. Duas tipografias, dois jornais políticos e de uma pequena biblioteca completavam a sua descrição, sem contar a nota sobre a dificuldade de acesso ao porto, devido à presença de um banco de areia movediça na barra do Rio Grande, que impedia a passagem de navios com mais de dez ou onze pés de calado.

Ao final de seu livro, Isabelle reuniu uma série de dados sobre a província do Rio Grande do Sul, informando que sua população alcançava 160.000 habitantes, distribuídos em cinco comarcas e onze distritos. Teceu comentários sobre suas potencialidades econômicas e encerrou afirmando não conhecer terra mais favorável à colonização européia.

A importância da *Viagem de Isabelle*

A *Viagem* de Arsène Isabelle é, por certo, um valioso documento sobre o passado do Rio Grande do Sul. De leitura agradável e linguagem clara, informa com a precisão de um homem culto e versado em ciências, sobre aspectos geográficos, culturais, econômicos e sociais do Estado, no período imediatamente anterior à Revolução Farroupilha. Seu valor não reside nas referências sobre a flora e fauna sul-rio-grandenses, apesar de seu pendor para as ciências naturais e os numerosos equipamentos trazidos na bagagem, para esta finalidade.

Isabelle não era, em suma, um naturalista. Apesar de seu esforço, a obra resultou pouco informativa sobre este tema. Cabe destacar, contudo, que apenas Sellow havia registrado a presença de fósseis vegetais no território rio-grandense, antes de Isabelle.⁵⁷ Se o viajante de 1834 identificou erroneamente o material coletado, atribuindo-o às dicotiledôneas, antecipou-se, por outro lado, ao suspeitar da ocorrência de fósseis animais na mesma região.

Como livre-pensador, Isabelle criticou com veemência e ironia o trabalho de conversão dos índios nas Missões. De acordo com suas palavras, os jesuítas haviam transformado os índios em simples autômatos, para explorá-los segundo suas conveniências: “Todos os trabalhos, mesmo os mais penosos, faziam-se ao som da flauta e do tambor! Que poético! Imaginai bem, trinta mil índios dançando e trabalhando diariamente ao som da flauta perante os bons padres que não faziam nada!...”⁵⁸

O horror de Isabelle aos jesuítas vinha do reinado absolutista de Carlos X, de regime clerical, reacionário e sob forte influ-

⁵⁷ BOLZON, R. T. *A lignitoflora mezozóica do Rio Grande do Sul (Brasil): métodos de estudo, tafonomia, paleoecologia e paleoclimatologia*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Geociências. Dissertação de Mestrado, 1993. 142 p.

⁵⁸ ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Op. cit., p. 22.

ência dos senhores de batina negra. Como homem perseguido e levado a emigrar por suas convicções republicanas, rebelava-se contra o uso de mistificações para a conversão de um “povo de neófitos crédulos”. A igreja de São Borja, com sua profusão de santos de todos os tamanhos e a mistura de capitéis, frontões, colunas torcidas e outros ornamentos “carregados de dourados finos”, pareceu, portanto, ao viajante francês, uma “casa de teatro, e nada mais...”. Seu sentimento transformou-se contudo em indignação, ao ver santos de tamanho natural, com olhos móveis nas órbitas, destinados a “verterem lágrimas de sangue”.

O valor da obra de Isabelle reside também na sua visão de nossa realidade social. Não é um cronista alheio às particularidades da sociedade gaúcha da época e de seus habitantes. Ao contrário, demonstrou a busca pela convivência, a vontade de compreender seus habitantes, de falar-lhes na mesma língua e adotar seus usos e costumes durante a permanência em nosso meio. Sua visão correta de nossa realidade expressa-se, por exemplo, de forma lapidar, na abordagem da questão do latifúndio e suas consequências nefastas para o desenvolvimento. Vislumbrou com otimismo o futuro da colonização alemã no vale do rio dos Sinos e defendeu a necessidade de trazer imigrantes europeus, para a ocupação de terras virgens do Rio Grande do Sul. Conhecendo as posições políticas que dividiam a sociedade gaúcha naquele período, não titubeou em perfilar-se intelectualmente em favor dos republicanos, lamentando contudo suas dissidências internas.

Uma das ressalvas pertinentes à obra de Isabelle, refere-se à emissão de certos juízos, por vezes desabonadores, sobre os sul-rio-grandenses. Entre tais referências, redigidas com malícia bem francesa, afirma que os brasileiros não são mais empreendedores ou trabalhadores do que os orientais e argentinos, e que o “vício horroroso que atraiu outrora a cólera celeste sobre a impudica Sodoma, é confessado publicamente pelos brasileiros”.⁵⁹

Acostumado à vida social, admirador da elegância e expressividade das portenhas e montevidianas, Isabelle aborreceu-se com as pobres continentinas. É verdade que reconhece nas gaúchas uma maior sociabilidade do que nas demais brasileiras, atribuindo esta “dignificação dos costumes otomanos”, à vizinhança com os castelhanos do Prata. Não titubeia, entretanto, ao dizer que as mulheres sul-rio-grandenses “não são belas nem graciosas” e que “em vão exageram e sobrecarregam-se de jóias, broches, fitas e ninharias”. Sua crítica estende-se ao vestuário feminino e aos chapéus, de moda desatualizada “há mais de seis anos” em relação à França. Refere-se ainda ao uso comum de “casacas escocesas, vestidos vermelhos e outras monstruosidades semelhantes...”.

Sua opinião sobre os homens do Rio Grande do Sul foi mais favorável, afirmando terem geralmente uma boa aparência e

⁵⁹ ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Op. cit., p. 94.

⁶⁰ A Frenologia e Fisionomia, "célebres ciências de Gall, Lavater e Porta". estavam muito em voga no início do século XIX. O próprio Isabelle relata na introdução de seu livro de viagens, ter um famoso especialista nesta "ciência" adivinhado sua predisposição por viagens pelas três "protuberâncias" de sua fronte: a protuberância da memória dos fatos, da curiosidade e da aptidão para instruir-se... (!)

seguirem a moda parisiense. Como defeito, relacionou a tendência comum de possuírem um nariz longo e pontudo, característica que maldosamente diz ter um significado bem conhecido pelos fisionomistas...⁶⁰

Como homem de idéias liberais, Isabelle não pode deixar de horrorizar-se com a crueldade da escravidão observada no Rio Grande do Sul. Ao contrário do frequentemente propalado, o negro recebeu neste estado o mesmo tratamento desumano que no restante do país. Nada mais falso, portanto, do que as difundidas afirmativas em contrário, que remetem a rodas de chimarrão, ao companherismo de lidas campeiras e outras falácias.... Isabelle, por outro lado, também não deixa de proclamar a infâmia dos europeus, que não têm vergonha de levar a imoralidade ao ponto de fazer da carne humana um comércio. Seu testemunho sobre as atrocidades observadas merece ser transcrito, por eloqüente:

Sabeis como esses senhores, tão superiores, tratam seus escravos ?

– Como tratamos nossos cães! – Começam por insultá-los. Se não vêm imediatamente, recebem duas ou três bofetadas da mão delicada de sua senhora, metamorfoseada em harpia, ou ainda um rude soco, um brutal pontapé de seu grosseiro amo: se resmungam são ligados ao primeiro poste e então o senhor e senhora vêm, com grande alegria no coração, para ver como são flagelados até verterem sangue aqueles que não têm, muitas vezes, outro erro que a inocência de não ter sabido adivinhar os caprichos de seus senhores e patrões!....⁶¹

⁶¹ ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Op. cit., p. 68.

E que o negro se desse por satisfeito se não fosse rebentado por surras brutais de corda, relho ou barras de ferro, pois seus ferimentos seriam então tratados com sal e pimenta!

Isabelle relata ter visto senhores tão "bárbaros", principalmente no campo, que chegavam a fazer incisões nas faces, espáduas, nádegas ou coxas de seus escravos, para nelas colocar pimenta, e outros capazes de assassinar um negro e atirar simplesmente seu corpo numa cova, como se fora um cão. Observa, ao mesmo tempo, que havia leis severas para coibir essa espécie de crimes, mas conclui que estas nunca impediam a violência dos poderosos e ricos, atingindo apenas os pequenos, que justamente necessitam de proteção.

A *Viagem* de Isabelle é uma obra repleta de informações valiosas para o conhecimento do passado do Rio Grande do Sul. Relato sincero, reflete o tempo e as circunstâncias de seu autor, o que lhe dá credibilidade. Ao final, Isabelle acrescentou três aspectos altamente favoráveis no caráter do sul-rio-grandense, e que parecem subsistir: o de amigo das instituições livres, entusiasta da causa dos povos e a hospitalidade.

José Newton Cardoso Marchiori é professor do Departamento de Ciências Florestais da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

IMPRESSÕES DE AVÉ-LALLEMANT SOBRE A PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL

Jorge Luiz Waechter

O que trouxe Avé-Lallemant para uma distante província do sul do Brasil, quando viajar significava passar semanas a fio no lombo de um cavalo, muitas vezes enfrentando condições meteorológicas adversas, dormindo ao relento ou dependendo da hospitalidade de moradas extremamente modestas? O fascínio pelo novo e as emoções proporcionadas pela mudança de espaços, paisagens e costumes que ele deixa transparecer em sua Viagem ajudam, por certo, a explicar a motivação desta personalidade ímpar, cujas impressões biogeográficas e antropológicas sobre o Rio Grande do Sul merecem a atenção de estudiosos e mesmo do leitor comum, pelo valor histórico e pela atualidade que ainda expressam, no melhor estilo literário.

Robert Avé-Lallemant, ao contrário do que poderia sugerir o nome francês, nasceu na báltica e nórdica cidade de Lübeck, Alemanha, no ano de 1812. Depois de ter estudado em importantes cidades européias, como Berlim e Paris, defendeu sua tese de doutorado *De Lithoritia* (Sobre Litotripsia) em 1837, na Universidade de Kiel, Alemanha.

No ano seguinte, 1838, Avé-Lallemant rumou pela primeira vez para o Novo Mundo, vindo precisamente ao Rio de Janeiro, onde, ao longo de dezessete longos anos, exerceu “ádua atividade de clínica”, conforme suas próprias palavras.

Em princípios de 1855 decidiu retornar à cidade natal, porém a personalidade nômade e aventureira, além de uma possível nostalgia da vida tão diferente nos distantes trópicos brasileiros, fizeram com que Avé-Lallemant procurasse integrar-se, na última hora, como médico de uma grande expedição de circumnavegação, a bordo da real e imperial fragata austríaca “Novara”. Esta integração tornara-se possível graças a uma carta de recomendação do célebre Alexander von Humboldt (1769-1859), por quem Avé-Lallemant nutria uma profunda e sincera admiração.

Assim, no final de abril de 1857, a bordo da “Novara”, Avé-Lallemant partiu do porto de Trieste, na costa norte do mar Adriático, para a sua segunda viagem à América do Sul. Porém, desentendimentos com oficiais de bordo fizeram com que o viajante solicitasse demissão a Sua Alteza Real e Imperial, o Arquiduque Ferdinando Maximiliano, e permanecesse no Rio de Janeiro.

Ao contrário da estada anterior, desta vez Avé-Lallemant não iria exercer nenhuma atividade médica no Brasil, mas sim empreender duas grandes viagens, primeiro pelo sul (1858) e depois pelo norte (1859). O relato destas viagens seria publicado na Alemanha, inicialmente a viagem pelo sul, em dois volumes¹ e posteriormente a viagem pelo norte, também em dois volumes². Depois destes importantes documentos sobre o Brasil do século dezenove, o autor publicou relatos de viagens para o Egito e à França, além de um livro sobre o grande poeta português Luís de Camões.

A viagem pelo sul abrange os estados do Rio Grande do Sul (primeiro volume), Santa Catarina, Paraná e São Paulo (segundo volume). A viagem pelo norte, por sua vez, compreende incursões nos estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe (primeiro volume), Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas (segundo volume).

Os livros de Avé-Lallemant foram traduzidos para o português e publicados no Brasil, aproximadamente um século depois. A viagem pelo sul ganhou tradução de Teodoro Cabral³ e a viagem pelo norte de Eduardo de Lima Castro⁴. O primeiro volume da viagem pelo sul foi novamente publicado anos mais tarde, com o título *Viagem pela província do Rio Grande do Sul* (1858)⁵.

¹ AVÉ-LALLEMANT, R. *Reise durch Süd-Brasilien im Jahre 1858*. 2v. Leipzig: F. U. Brockhaus, 1859.

² AVÉ-LALLEMANT, R. *Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859*. 2v. Leipzig: F. U. Brockhaus, 1860.

³ AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858*. 2v. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura-Instituto Nacional do Livro, 1953.

⁴ AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*. 2v. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura-Instituto Nacional do Livro, 1961.

⁵ AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia, Universidade de São Paulo, 1980. Todas as citações originais do autor consideram a tradução da *Viagem pelo Sul do Brasil* realizada por Teodoro Cabral e publicada em 1953 e 1980.

Não é preciso ler a *Viagem* até o final para perceber que Avé-Lallemant era um homem fascinado pelas emoções proporcionadas pela mudança de espaços, paisagens, costumes e naturezas. O longo tempo vivido no Rio de Janeiro fizeram com que o médico dominasse a língua portuguesa, fato que seria, sem dúvida, um dos acessórios mais importantes na bagagem. Na primeira despedida do Brasil, a bordo da fragata francesa “Galathée”, uma constatação: o quanto não tinha conhecido as magníficas praias que desapareciam no horizonte, o quanto não tinha vivenciado a pujante natureza que se estendia para o longínquo interior do continente.

Além da natureza extratropical, dois aspectos adicionais devem ter exercido especial atração na distante província de São Pedro do Rio Grande do Sul: o retiro eremítico do famoso botânico francês Bonpland, na imensidão dos pampas da vizinha província argentina de Corrientes, e a então pioneira e florescente colonização alemã na assim chamada zona serrana da província.

A visita a Aimé Jacques Goujaud (1773-1858), mais conhecido como Bonpland, então velho e doente, vivendo em condições de extrema pobreza e solidão, constitui uma das passagens mais emocionantes da narrativa:

Afinal apareceu o velho e incansável botânico, vestido simplesmente de camisa e calças de algodão branco. Oitenta e cinco anos de vida movimentada tinham cavado sulcos profundos no amado e amável rosto do homem, cujos olhos, porém, claros e límpidos olhavam em torno de si. Cordial e amavelmente me recebeu ele e desculpou-se de seu pobre mobiliário, pois sua hospitalidade não pode ir além de mandar assar carne para mim, só me podendo apresentar uma faca, um garfo e um prato de estanho.

Então, depois de ter terminado minha refeição com o auxílio do meu canivete e dos dedos, tivemos uma variada palestra sobre botânica e política, estância e Paris, Humboldt e São Borja: como vagueavam vivos os pensamentos do velho nos espaços imensos que percorreria e no largo tempo vivido! Mas queria ainda mais espaço, e ainda mais tempo de vida esperava ele, com uma espécie de fome canina. Alguns anos mais tarde, como seria a solitária, imóvel e inanimada Santana!

⁶ BONPLAND, A. *Journal voyage de Sn. Borja a la Tierra y a Porto Alegre*. Porto Alegre, Paris: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centre National de la Recherche Scientifique, 1978.

Dez anos antes Bonpland também havia empreendido uma viagem pelo Rio Grande do Sul, anotando inúmeras informações em seu diário particular, publicado muito tempo depois⁶. O velho botânico viria a falecer apenas algumas semanas depois, no dia 4 de maio, quando Avé-Lallemant ainda se encontrava na província.

A visita a Bonpland representa também o ponto extremo meridional e continental da viagem. A partir daí tudo seria regresso, a peregrinação tinha sido realizada, Avé-Lallemant tinha se transformado em um tardio elo de ligação entre Humboldt, cuja recomendação tinha possibilitado a inclusão na “Novara”, e Bonpland, cujo estilo de vida então jamais poderia fazer suspeitar de que se tratava do antigo companheiro de Humboldt nas famosas expedições científicas empreendidas pelos trópicos do Novo Mundo.⁷

⁷ ROMARIZ, D. A. *Humboldt e a fitogeografia*. São Paulo, Edição da autora, 1996.

Como viviam os alemães, seus compatriotas, nas incipientes colônias encravadas em longínquas paragens sul-americanas? Avé-Lallemant conheceu a dura realidade cotidiana dos imigrantes germânicos em várias colônias, em diferentes estádios de colonização: São Leopoldo, Santa Cruz e Santo Ângelo (posteriormente Agudo). De modo geral, ficou orgulhoso e impressionado com a capacidade de trabalho, a perspectiva de progresso e as aparentes condições de salubridade e felicidade que emanavam dos jovens teuto-brasileiros, de tez esmaecida, olhos azuis e cabelos louros...

A leitura de diversas experiências vividas durante o contato com o elemento alemão, deixa transparecer uma espécie de ufanismo germânico, aceitável e compreensível até certo ponto. Tal postura, porém, seria condenável na mentalidade de um intelectual sensível, perspicaz e inteligente? Lendo a *Viagem* até o final, verifica-se que Avé-Lallemant foi um homem de seu tempo, com sua formação, sua sensibilidade e suas experiências de vida. As impressões de viagem refletem estas condicionantes, como não poderia deixar de ser para qualquer pessoa. Avé-Lallemant analisa e descreve de maneira positiva ou negativa alemães, portugueses, índios, espanhóis e mestiços, ou seja, toda a diversidade racial e cultural encontrada no seu itinerário. Não cabe aqui exercitar qualquer crítica sobre os pontos de vista pessoais do autor, porém destacar a importância que seu relato de viagem representa para quem vive no extremo sul do Brasil de hoje.

Robert Avé-Lallemant chegou ao porto de Rio Grande a bordo do paquete “Imperatriz”, no dia 22 de fevereiro de 1858, depois de uma viagem marítima de seis dias ao longo da costa brasileira, saindo do Rio de Janeiro e passando por Desterro (Florianópolis). “A barra do Rio Grande é, sem dúvida, uma das mais desagradáveis e mais perigosas que existem e poucos portos se encontrarão em que, em proporção com os navios entrados, tenha havido tantos naufrágios como aqui”.

No dia seguinte partiu para Porto Alegre, a bordo do vapor “Marquês de Olinda”, navegando para o norte pela Lagoa dos Patos.

Passamos por uma linda ilha, a Ilha das Pombas, e depois por uma elevação coberta de mato, Ponta Grossa. À distância de várias milhas, sobre uma colina que avança sobre a água, defronta-se-nos, na linda paisagem, uma aprazível cidade. Não fora há muito seu nome, involuntariamente lhe chamaríamos Porto Alegre!

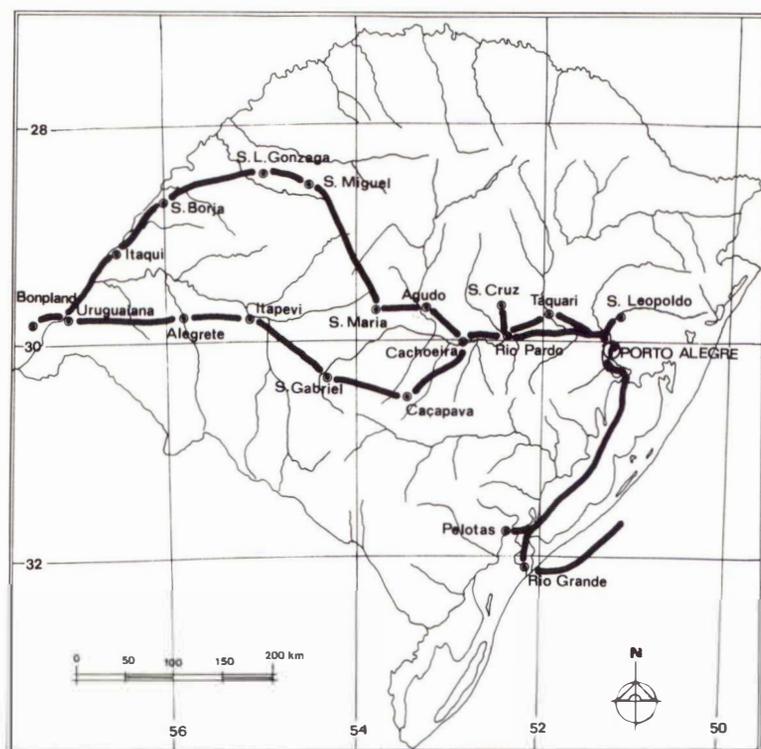
Nas semanas seguintes visitou as colônias alemãs de São Leopoldo, Santa Cruz e Santo Angelo (Agudo) e passou pelas localidades de Rio Pardo, Cachoeira e Santa Maria (então cognominada da Boca do Monte). A partir de Santa Maria tomou o rumo noroeste até os Sete Povos das Missões, passando por numerosas estâncias e lugarejos. Em seguida viajou para sudoeste, na direção do Rio Uruguai e das localidades de São Borja, Itaqui e Uruguaiana. O trecho entre as duas últimas cidades foi percorrido a bordo de uma chalana, navegando ao longo do Rio Uruguai.

Sediado em Uruguaiana, atravessou a fronteira argentina, passando por Restauración (atualmente Paso de los Libres), para uma das visitas mais importantes de toda a viagem: o velho e famoso botânico Bonpland, na Estância de Santana, nos domínios correntinos. Com exceção desta visita, Avé-Lallemant viajava sempre ao lado de seu fiel empregado e companheiro, referido simplesmente como “spahi”, termo aplicado a cavaleiros do antigo exército francês, recrutados entre os nativos da África do Norte, sobretudo a Argélia.

De volta para Uruguaiana, iniciou o longo retorno a Porto Alegre, passando por Alegrete, Tapevi (Itapevi?), São Gabriel, Caçapava e Cachoeira. Nesta última cidade fechou-se um imenso polígono que poderia ser denominado de missioneiro-pampeano. Apesar de encontrar-se na margem do Rio Jacuí, a viagem continuaria ainda por via terrestre até Taquari, passando novamente por Rio Pardo. O trajeto de Taquari até Porto Alegre foi percorrido por via fluvial, a bordo do elegante vapor “Jacuí”.

No dia 15 de maio partiu de Porto Alegre para Rio Grande, a bordo do vapor de guerra “Amélia”. Sediado em Rio Grande, aproveitou para conhecer Pelotas e arredores até que, no dia 22 de maio, embarcou no paquete “Imperador”, com destino a Desterro (Florianópolis), despedindo-se assim das “praias solitárias onde se amontoa areia sobre areia e se quebram ondas sobre ondas e por longo tempo a cor pardo-suja do mar acompanha o navegante...”

Avé-Lallemant, portanto, permaneceu exatos três meses na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, deixando registrado para a posteridade um fascinante relato de viagem, com inúmeras informações biogeográficas e antropológicas.



Roteiro da viagem de Avé Lallemant pela Província do Rio Grande do Sul.

A Província do Rio Grande

Como se poderia definir, em poucas palavras, o que era a então província de São Pedro do Rio Grande do Sul? Era um encontro de raças, idéias, línguas e costumes. Algum denominador comum? Sim, o estranho hábito coletivo, integrador e equalizador de tomar mate com cuia e bomba:

Todos os presentes tomaram mate. Não se creia todavia que cada um tivesse sua bomba e sua cuia próprias; nada disso! Assim perderia o mate toda sua mística significação. Acontece com a cuia de mate como à tabaqueira. Esta anda de nariz em nariz e aquela de boca em boca. Primeiro sorveu um pouco um velho capitão. Depois um jovem, um pardo decente – o nome de mulato não se deve escrever –; depois eu, depois o “spahi”, depois um mestiço de índio e afinal um português, todos pela ordem. Não há, nisso, nenhuma pretensão de precedência, nenhum senhor e criado; é uma espécie de serviço divino, uma piedosa obra cristã, um comunismo moral, uma fraternização verdadeiramente nobre, espiritualizada! Todos os homens se tornam irmãos, tomam mate em comum!

Além do hábito tipicamente pampeano de tomar chimarrão, uma outra característica relacionada às extensas e monótonas superfícies campestres, apenas ocasionalmente quebradas por capões ou galerias de mata, escassamente pontilhadas de estâncias ou fazendas, e freqüentemente castigadas pelo frio, chuva, calor ou vento, era a famosa hospitalidade gaúcha! Para quem se aventurava nessas paragens solitárias, era muitas vezes vital receber um leite quente para beber, uma cama rústica para dormir e um cavalo descansado para prosseguir a jornada.

É mais uma influência da paisagem natural sobre as relações antrópicas: extensas pastagens naturais e reduzidas populações humanas compunham um cenário obviamente favorável para a criação extensiva de gado, portanto com menor utilização do trabalho escravo, cujas conseqüências sociais parecem não ter sido tão nefastas no Rio Grande do Sul, em comparação com outras províncias essencialmente agrícolas.

Impressões de viagem

Qual o valor da *Viagem* de Avé-Lallemant para a atualidade? Trata-se, sem dúvida, de um valioso retrato do Rio Grande do Sul, em meados do século dezenove. Avé-Lallemant registrou com sensibilidade invulgar numerosos incidentes cotidianos, às vezes considerados insignificantes pelo próprio autor, mas que, em conjunto, proporcionam um vigoroso painel social da época, nas cidades, lugarejos e estâncias.

Ao longo de cada segmento percorrido, no convés de um vapor ou no lombo de um cavalo, o registro da paisagem, da vegetação, da flora e da fauna, e do pitoresco e diversificado elemento humano.

Lendo o texto de Avé-Lallemant, difícil não pensar em outro viajante naturalista, Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), e traçar algumas comparações. Saint-Hilaire estivera no Rio Grande do Sul em 1920-1921, portanto quase quarenta anos antes, com o objetivo principal de colecionar exemplares da flora nativa. O itinerário dos dois viajantes foi em grande parte coincidente. A *Viagem* de Saint-Hilaire, igualmente, proporciona uma excelente visão da sociedade sul-rio-grandense, fato que aproxima os dois documentos em interesse e importância.

A edição original de Avé-Lallemant foi publicada logo após sua estada no Rio Grande do Sul⁸, coincidentemente no ano da morte de Humboldt. A viagem de Saint-Hilaire apareceria, postumamente, quase três décadas depois⁹.

O fato da obra de Saint-Hilaire, assim como o próprio autor, ser atualmente muito mais conhecida do que a de seu colega viajante germânico, é de difícil explicação, podendo talvez estar relacionada à língua francesa, mais acessível aos intelectuais

⁸ AVÉ-LALLEMANT, R. Op. cit., 1859.

⁹ SAINT-HILAIRE, A. *Voyage à Rio Grande do Sul*. Orléans: H. Herluison, 1887.

brasileiros do que a língua alemã, e mais importante no cenário internacional do século dezenove. A não inclusão de Avé-Lallemant na revisão de Quintas, sobre botânicos viajantes no Rio Grande do Sul, talvez seja devida a um certo desconhecimento generalizado da obra do autor ou então a ainda não suficientemente conhecida edição brasileira, na época da redação do artigo.¹⁰

¹⁰ QUINTAS, A. T. Datas e itinerários dos viajantes botânicos no Rio Grande do Sul. *Rev. Esc. Agron. Veter., UFRGS*, 1(3):57-64, 1956.

Ao longo das páginas de Avé-Lallemant, o leitor pode ficar surpreso com a alta qualidade literária da redação, sempre acompanhada de um esforço de registrar e assim transmitir as emoções sentidas diante do oceano de novidades que se descortinava dia após dia, local após local. O texto impregnado de adjetivos e advérbios procura transmitir estas emoções. Pode parecer banal ou nem mesmo chamar atenção, para um gaúcho, ver um jervivá e uma araucária crescendo lado a lado, mas não para um estrangeiro deslumbrado com a coexistência destes símbolos de inter e extratropicalidade: “Palmares e pinhais! Alegres coroas de palmeiras e sombrias araucárias crescendo promiscuamente são, com efeito, os grupos que no Rio Grande mais atraem os olhos do viajante, mais vivamente despertam a sua admiração...”.

Flora e fauna

Embora Avé-Lallemant fosse médico de formação e profissão, tinha bons conhecimentos de História Natural, de modo que espécies vegetais e animais são freqüentemente mencionadas para os diferentes ambientes percorridos. A citação de nomes científicos de numerosas famílias e espécies de plantas vasculares tornam o texto interessante para o botânico contemporâneo, possibilitando até a configuração de um quadro florístico e vegetacional. Avé-Lallemant ficou vivamente impressionado com a diversidade de plantas campestres, sobretudo da família das compostas, referidas no texto como “singenésias” ou “sinanteráceas”. É claro que diversos nomes citados não correspondem à nomenclatura científica atualmente em uso, porém não constituem, de modo algum, demérito à obra, já que uma espécie de ciranda nomenclatural acompanha toda a história da Sistemática Biológica.

¹¹ LINDMAN, C. A. M. *Beiträge zur Palmflora Südamerikas*. Stockholm: P. A. Norstedt., 1900. (Bihang K. Svenska Vet.-Akad. Handl. Band 26, Afd. III, No. 5).

O gênero *Mauritia*, também referido por Lindman¹¹ para o Rio Grande do Sul, corresponde na realidade a *Trithrinax*, que engloba uma ou duas espécies de palmeiras nativas com folhas flabeliformes, conhecidas popularmente como buriti ou carandá. O mesmo padrão foliar (flabelado) e o mesmo nome popular (buriti) devem ser a origem deste equívoco. Apesar de certas semelhanças, os gêneros *Mauritia* e *Trithrinax* não são taxonomicamente próximos, pertencendo a subfamílias distintas e apresentando distribuição geográfica atual, respectivamente, intertropical e extratropical (no continente americano).

O gênero *Araucaria* é subordinado pelo autor à família Pinaceae, de coníferas tipicamente temperadas do hemisfério norte, entre as quais algumas freqüentemente cultivadas no Rio Grande do Sul, como *Pinus*. Modernamente se considera *Araucaria* na família Araucariaceae, representada por três gêneros de coníferas tropicais e temperadas, atualmente distribuídas no hemisfério meridional.

O caráter transicional subtropical da flora gaúcha foi admiravelmente sintetizado na seguinte expressão:

O Rio Grande tem o raro encanto botânico de que aqui se estendem largamente para o sul as plantas dos trópicos, sem de modo algum prejudicar a natureza extratropical. Antes de tudo o que ocorre nos trópicos e fora deles lá se ajunta promiscuamente, se emaranha e cresce; e não se pode fazer uma excursão sem ser surpreendido por impressionantes contrastes....

Os animais que mais impressionaram Avé-Lallemant foram os ruidosos macacos e papagaios nas florestas e os agitados veados e emas nas pradarias. Freqüentemente encontrados no trajeto percorrido, constituem representantes típicos de ecossistemas tão diferentes como matas e campos. No entanto, quem hoje penetra nos escassos remanescentes florestais, ou atravessa as extensas planícies pampeanas ainda não tomadas pela agricultura ou pela urbanização, raramente encontra alguns sobreviventes dos antigos bandos que vagueavam entre as primeiras manifestações de civilização.

O efeito dramático da colonização européia sobre a fauna nativa, em menos de um século e meio de expansão e “progresso”, pode ser diretamente avaliada pela comparação da situação atual, amplamente conhecida, e um comentário emitido pelo autor, na época da viagem:

A caça é abundante: numerosos veados, porcos do mato e, conforme o gosto, mesmo antas, que se encontram em quantidade nos terrenos úmidos e naturalmente pouco acessíveis. A onça ocorre muito mais raramente; dez dias antes fora morta uma a tiro. O animal só ataca o homem por necessidade e, em toda a região, apesar de muito indagar, não tive notícia de nenhuma história sangrenta desse felino que eu possa reproduzir.

Paisagens e vegetação

Uma pequena compilação de algumas descrições da vegetação nativa, ao mesmo tempo com precisão quase científica e estilo sempre poético, proporciona um verdadeiro painel sobre a

fitogeografia sul-rio-grandense. Avé-Lallemant soube distinguir importantes aspectos fisionômicos e composicionais de diferentes tipos de florestas, campos e palmares.

Nas proximidades de Santa Maria (da Boca do Monte), o registro do contato de dois ecossistemas maiores: “Dei um passeio à tarde para o lado da estrada da serra, região realmente encantadora. A magnífica floresta brilhava ao sol, enquanto, para o sul, os campos se estendiam a distância”. Na região centro-leste, a constatação de um mosaico vegetacional:

Embora ainda contenha grandes pastagens, a região entre Rio Pardo e Taquari perde a aparência de pampa. Aqui encontramos antes uma paisagem de matas e colinas relvadas, às vezes entremeada de pequenas cadeias de serras, cujas escuras elevações cobertas de mato contrastam com o verde-claro dos prados que se estendem até elas. Tudo lembra a proximidade da serra, tudo recorda uma travessia serrana.

Florestas

A incursão em uma floresta virgem, nos arredores da colônia de Santa Cruz, proporciona uma descrição ao mesmo tempo ecológica e poética do ambiente:

Uma estreita vereda me levava mata a dentro e em pouco me vi cercado de milhares de formas, cores e figuras, botânicas e zoológicas, da mais espessa floresta. Pingavam melodicamente as últimas gotas de orvalho das copas das árvores, onde variegados papagaios limpavam a plumagem. Muito ao longe corriam bandos de macacos. Nas clareiras esvoaçavam grandes borboletas. Tanto silêncio, um silêncio tão dominical, que se podia ouvir a respiração das plantas.

Na viagem a São Leopoldo, a observação das matas marginais do Rio Jacuí, com seu emaranhado de árvores e bambus. Chamam a atenção a quantidade de lianas e epífitas:

Não é preciso acrescentar que quase todas as grande árvores, notadamente as mirtáceas, são entrelaçadas por trepadeiras e deitam longas cordas sem folhas até a água. Nas sombra das enfolhadas copas prevalece o parasitismo; e, ao lado das orquídeas, medram excelentemente as bromeliáceas.

Não se trata, na realidade, de parasitismo, mas sim de epifitismo, já que orquídeas e bromélias apresentam sistemas radicais apenas aderentes nos ramos das árvores. As parasitas ou

hemiparasitas verdadeiras, como é o caso das ervas-de-passarinho, apresentam raízes transformadas em órgãos haustoriais, que penetram no interior dos tecidos vivos das plantas hospedeiras.

Sediado em Santa Maria da Boca do Monte, Avé-Lallemant decidiu excursionar para o planalto, para conhecer as famosas florestas com Araucária:

Com toda a majestade erguiam-se em torno de nós as princesas da floresta. Muitas, das maiores, tinham sido abatidas e consumidas na construção de casas e em tábuas. O vigoroso tronco mede, de diâmetro, três a quatro pés e mais, e sobe, em forma de coluna, sem esgalhar, 50 a 70 pés de altura. Depois, em disposição quase em forma de molinete, saem do tronco numerosos galhos, que partem em ângulo reto, sem folhas, até que, nos últimos ramos, se comprimem longas folhas lanceoladas, agulhiiformes.

Palmares

As palmeiras, como família tipicamente tropical, sempre exerceram um grande fascínio sobre viajantes e pesquisadores provenientes de países temperados. A partir desta constatação, pode-se imaginar o impacto paisagístico que um conjunto destas plantas de hábito tão peculiar deveria ter causado. Avé-Lallemant encontrou em seu roteiro dois palmares bem diferentes, embora constituídos por espécies do mesmo gênero (*Butia*):

...galopei para o oeste, para um distante palmar, que mais belo não se pode ver. Da coxilha moderadamente ascendente, sem vestígio de mato, se elevavam livres e desembaraçados, às centenas, os esbeltos troncos e inclinavam as frondes ao vento da manhã, sem que nenhuma árvore de outra família de plantas perturbasse a impressão que produzia esse pequeno mundo de palmeiras em toda sua pureza, poder-se-ia dizer, em sua forma africana.

Avé-Lallemant encontrou este palmar quando se dirigia para a estância de Bonpland, na província argentina de Corrientes. O texto não faz referência sobre a espécie, porém, pela descrição e localização, trata-se de *Butia yatay* (butiá-jataí), palmeira que forma impressionantes conjuntos monodominantes, semelhantes aos oásis de tamareiras no norte da África.

Quando, de manhã, saí de Tapevi, a minha atenção foi despertada por uma planta grosseira de um cinzento brilhante que, em moitas herbáceas, cobria encostas inteiras, em milhares de exemplares. Apeei-me e

encontrei inumeráveis palmeirinhas truncadas ou frondes de palmeiras que tinham todos os atributos da palmeira, menos o estipe, pois as folhas, de um a dois pés de comprimento, pinatífidas como na maioria das palmeiras, saem diretamente do chão.

A espécie acima corresponde, quanto ao hábito acaule e distribuição geográfica, à *Butia paraguayensis* (butiá-anão), na época ainda não conhecida pela ciência. Alguns anos mais tarde a espécie seria descrita como nova por Barbosa Rodrigues, a partir de material coletado no Paraguai.¹² O hábito acaule ocorre em diversas palmeiras de solos arenosos, derivando do crescimento caulinar inicialmente geotrópico, que resulta em estipes adultos subterrâneos¹³.

¹² BARBOSA RODRIGUES, J. *Palmae novae Paraguayensis*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1899.

¹³ RAWITSCHER, F. K. & RACHID, M. Troncos subterrâneos de plantas brasileiras. *An. Acad. Brasil. Ciênc.*, 18(4):261-280, 1946.

¹⁴ HUECK, K. & SEIBERT, P. *Vegetationskarte von Südamerika*. Stuttgart: Gustav Fischer, 1972. (1 mapa).

Campos

As diferenças fisionômicas entre os campos ondulados da Depressão Central e os campos aplanados da Campanha Ocidental aparecem nítidas nas transcrições reproduzidas a seguir. Este critério geomorfológico seria adotado mais de um século depois para distinguir as principais fisionomias pampeanas no contexto de toda vegetação sul-americana.¹⁴

Esse campo não é de modo algum uma superfície inteiramente plana, em que a gente julga ver um oceano congelado. Tanto pode ser plano como ondulado e até montuoso. A palavra campo significa uma pastagem aberta, natural, em oposição à floresta e à montanha coberta de floresta. Assim, pois, o campo ao norte de Rio Pardo é entremeado de largas colinas de pouca altura ou coxilhas, cujas ervas curtas pastam os rebanhos de gado.

Apenas nos afastamos alguns minutos de Uruguaiana, já nos encontrávamos em pleno pampa. Árvores, arbustos, pomares, plantações, habitantes, tudo desaparecera; a relva curta enchia o vasto espaço em torno de nós e repousava o céu sobre a superfície de um mar coagulado, onde, durante horas inteiras, éramos os únicos seres humanos visíveis.

Impacto ambiental

Em meados do século dezenove, já estavam implantadas e em pleno funcionamento as diversas práticas anti-ecológicas que, nas décadas subseqüentes, produziram uma profunda alteração no quadro ambiental do Rio Grande do Sul. Como viajante europeu, Avé-Lallemant obviamente sentia o efeito das extensas para-

gens com escassos habitantes, os reduzidos e dispersos núcleos urbanos e a ausência de típicas paisagens agrícolas. Por outro lado, não poderia ficar insensível diante da devastação de exuberantes florestas, nem tampouco diante do cenário desolador resultante das numerosas queimadas, tanto nas matas como nos campos.

A este respeito vale a pena reproduzir alguns comentários do autor:

Quanto mais penetra o observador nesta maravilhosa oficina da natureza, tanto mais surpreso fica quando ela termina. Estamos à margem de um vasto campo de batalha. Centenas, milhares de troncos carbonizados jazem na inclinada encosta. Alguns ainda de pé, tostados pelo incêndio, estendem os galhos negros súplices, clamando a vingança do céu, até que o machado se ajunte ao fogo que já o precedera, e o tronco, ferido pelo ferro, se precipite no abismo.

Decerto passa ela, a princípio, através de um terrível campo de batalha! Aqui a floresta sofreu desesperadamente do ferro e do fogo. De pé ou caídos se vêem, à esquerda e à direita, troncos carbonizados, horrível quadro da feroz destruição com que, quase em toda parte, começa a agricultura no Brasil.

Lamentavelmente este comentário, sobre a destruição florestal em Santa Maria, soa ainda incomodamente atual em todo o Brasil.

Em certo lugar ardia a relva seca. No outono, nos dias quentes e secos, queima-se a relva alta e murcha. Com verdadeira avidez avança, queimando, o elemento inflamado em milhares de pequenas chamas; em toda parte ele arde, crepita e chameja em sinuosidades serpentinas, de modo que dificilmente se evita o fogo. Zumbindo fogem as abelhas, gafanhotos e moscardos, para serem afugentados para mais longe pelo fogo que os segue. Quando se dissipam o fogo e a espessa fumaça, fica um triste campo negro.

Epílogo

Avé-Lallemant faleceu na mesma cidade em que nasceu, Lübeck, no ano de 1884, contando, portanto, 72 anos de idade. Muitos aspectos adicionais relativos ao importante documento deixado sobre a província do Rio Grande do Sul poderiam ser abordados e discutidos com maior profundidade, à luz dos inúmeros conhecimentos atuais ou à sombra do passado irremediável-

mente perdido. Para finalizar, nada melhor do que citar um trecho do escritor, onde se manifesta uma pronunciada antevisão dos anos que deveriam sobrevir. O quanto desta antevisão se concretizou efetivamente pode ser conferido por qualquer leitor das gerações atuais, no limiar do sesquicentenário da *Viagem*. O autor refere-se às minas de carvão dos arredores de São Jerônimo:

Pelo momento, elas tem pouco valor prático, dada a abundância de lenha na região do Guaíba, o pequeno número de habitantes e a falta de fábricas. Mas se um dia a lenha encarecer e encarecerá, se continuarem a desperdiçá-la desmedidamente, como se tem feito até agora, se o Guaíba e seus afluentes vierem a ter um milhão de habitantes e numerosas fábricas em seus rios navegáveis, então se reconhecerá todo o valor das jazidas de carvão de pedra e elas serão exploradas em todas as direções e profundidades.

Nas proximidades da jazida de carvão há um rico minério de ferro à flor da terra, cuja futura exploração certamente será lucrativa. Todavia esse tempo ainda está distante, como as próprias jazidas de carvão e ferro. Por hora, a agricultura e a criação de gado, a ser melhorada, são os principais objetivos de todas as atividades no coração da Província. A ela sobretudo, à honrada e nobre agricultura, desejo milhões de braços ativos, a que se juntarão as bênçãos do solo e do céu.

Jorge Luiz Waechter é professor do Departamento de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.